

FEIÇÕES ESTRUTURAIS E VULCANISMO CRETÁCEO NO ALTO DE TAMANDARÉ-BARREIROS, REGIÃO DE RIO FORMOSO, PERNAMBUCO

Breno Marinho de Araújo Barbosa¹; Edilton Santos²

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO; ² UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

RESUMO: A área investigada situa-se no município de Rio Formoso, litoral sul de Pernambuco, inserida no Alto de Tamandaré-Barreiros, uma estrutura de idade mesozóica que separa as bacias Alagoas e Pernambuco. Estudos recentes indicam que a Bacia Pernambuco é limitada por falhas de direções NE-SW, N-S e NW-SE, sendo seu limite ao sul, com o Alto de Tamandaré-Barreiros, uma falha extensional de direção NW-SE, a falha de Barreiros. A forma geral da Bacia é o de um anfiteatro que se abre para o oceano, em direção ao Platô de Pernambuco. O Alto de Tamandaré-Barreiros é formado por rochas precambrianas do Terreno Pernambuco-Alagoas, compreendendo unidades gnáissico-migmatíticas dos complexos Cabrobó e Belém do São Francisco, plutões tardi-tangenciais mesoproterozóicos e granitos neoproterozóicos. Grande parte deste embasamento é representado pelo Plúton Rio Formoso, um batólito granítico brasileiro, que possui uma fácies dominante sienogranítica à sienítica e fácies subordinadas tonalíticas e monzograníticas. As principais feições estruturais da área são zonas de cisalhamento transcorrentes precambrianas de direção NE-SW, destacando-se as ZC's Cucaú, Rio Sirinhaém, Rio Formoso e Rio dos Passos. Duas feições demonstram que o Alto de Tamandaré-Barreiros foi afetado mecânica e termalmente durante a fase rifte aptiana-albiana da Bacia Pernambuco. A primeira evidência é representada pelo retrabalhamento rúptil dessas zonas de cisalhamento, bem documentado pelos cataclasitos que afetam os milonitos da ZC Rio Sirinhaém. Considerando-se a continuidade dessas estruturas para o interior da Bacia, na embocadura do Rio Formoso, supõe-se que elas mudaram seu regime deformacional no Cretáceo, assumindo um caráter extensional a partir daí. Outra evidência é a descoberta de um dique de traquito que penetrou ao longo da ZC de Rio Formoso, demonstrando a sua reativação no Cretáceo. O dique de traquito é a segunda ocorrência de intrusivas cretáceas cortando o embasamento da Bacia, mas outros registros têm sido noticiados recentemente (Santos et al. 2009). Já no âmbito da Bacia, na Pedra do Cruzeiro, encontram-se rochas piroclásticas intercaladas nos arenitos conglomeráticos da Formação Cabo, demonstrando claramente que esta unidade faz parte de um pacote vulcanossedimentar sintectônico, juntamente com a Formação Ipojuca. Esses horizontes piroclásticos estão concordantes e interdigitados nos arenitos, caracterizando sua deposição simultânea em ambiente continental. Microscopicamente, observou-se a presença de sílica amorfa, texturas esferulíticas e fragmentos de rochas, o que sugere tratar-se de um lapilli tufo soldado. Foram observadas algumas estruturas circulares em fotografias aéreas no interior da bacia nessa área, que devem representar remanescentes de vulcões. Muitas outras estruturas foram recentemente descobertas ao norte da área aqui estudada. O contexto, portanto, revela que o dique traquítico representa um conduto afetando o embasamento da Bacia, enquanto que as rochas piroclásticas são manifestações subaéreas dos vulcões. O aquecimento do Alto de Tamandaré-Barreiros pelo vulcanismo é reforçado pela descoberta recente de vulcanismo na parte norte da Bacia Alagoas, na chamada sub-bacia de Barra Grande, com predominância de rochas piroclásticas (Gantois 2008).

PALAVRAS-CHAVE: ALTO DE TAMANDARÉ-BARREIROS; TECTONISMO; VULCANISMO.